



INTELECTUAIS PARAGUAIOS: um exercício descolonial¹

PARAGUAYAN INTELLECTUALS: a decolonial exercise

INTELECTUALES PARAGUAYOS: un ejercicio decolonial

Damaris Pereira Santana Lima²

Resumo: O fazer descolonial exige o esvaziamento do cérebro e a construção de um pensamento outro, pois não é mais possível seguir tratando das questões da América Latina, senão por uma perspectiva outra. Diante dessa proposição, o presente texto visa a exemplificar e conduzir à reflexão sobre a questão do exercício de um pensamento outro, tendo como ponto de partida o projeto “Latino-américa interdisciplinar: literatura e cultura paraguaia”, composto por investigações que visam a mostrar como literatura, cultura, história, memória, mito e imaginário coletivo se articulam nas produções ficcionais e artísticas de intelectuais paraguaios. À guisa de delimitação, valho-me das seguintes obras: *Las culturas condenadas*, de Augusto Roa Bastos, Xirú, de Damián Cabrera e *Ogue Javé takuapu/ Cuando se apaga el takuà*, de Susy Delgado, destacando-as como exemplos de exercícios descoloniais.

Palavras-chave: Literatura Paraguaia; descolonialidade; Pensamento outro.

Abstract: Decolonial action requires emptying the brain and constructing a different way of

¹ Este texto é uma revisão de textos publicados em revistas, com excertos de textos que tiveram uma versão primeira nas revistas RELACULT e na revista Línguas & Letras.

² Damaris Pereira Santana Lima é professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS. Membro do Núcleo de Estudos Culturais e Comparados - NECC. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-9232-4392>. Email: damaris.lima@ufms.br.

thinking, as it is no longer possible to continue dealing with issues in Latin America except from a different perspective. Given this proposition, this text aims to exemplify and lead to reflection on the issue of exercising a different way of thinking, taking as a starting point the project “Interdisciplinary Latin America: Paraguayan literature and culture”, composed of investigations that aim to show how literature, culture, history, memory, myth and collective imagination are articulated in the fictional and artistic productions of Paraguayan intellectuals. By way of delimitation, highlighting them as examples of decolonial exercises, I use the following works: *Las culturas condenadas*, by Augusto Roa Bastos, *Xirú*, by Damián Cabrera, and *Ogue Javé takuapu/ Cuando se apaga el takuà*, by Susy Delgado.

Keywords: Paraguayan Literature; decoloniality; Other way of thinking.

Resumen: La acción decolonial requiere el vaciado del cerebro y la construcción de un pensamiento otro, pues ya no es posible seguir abordando los temas de Latinoamérica, sino por una perspectiva otra. Ante esta propuesta, este texto pretende ejemplificar y conducir a una reflexión sobre la cuestión del ejercicio de un pensamiento otro, tomando como punto de partida el proyecto “Latinoamérica interdisciplinar: literatura e cultura paraguaya”, compuesto por investigaciones que pretenden enseñar cómo la literatura, la cultura, historia, memoria, mito e imaginario colectivo se articulan en las producciones ficcionales y artísticas de intelectuales paraguayos. A modo de delimitación utilizo las siguientes obras: *Las culturas condenadas*, de Augusto Roa Bastos, *Xirú*, de Damián Cabrera y *Ogue Javé takuapu/ Cuando se era el takuà*, de Susy Delgado, destacándolas como ejemplos de ejercicios decoloniales.

Palabras clave: Literatura paraguaya; decolonialidad; Pensamiento otro.

Somos apenas un granito de kumanda en el inmenso jopara que se cuece a pesar de nosotros y cuyo resultado somos absolutamente incapaces de prever. Y el escritor, lejos de ser dueño de la lengua como algunos creen, es apenas una víctima más de esa revolución gigantesca, alguien que puede asumir su condición de multicolonizado y ofrecer su testimonio.

Susy Delgado, 2010.

A proposta deste texto é a apresentação de alguns exercícios de descolonização, ou prática de uma epistemologia outra, já que pretendo mostrar o fazer intelectual de Augusto Roa Bastos com a compilação de textos na obra *Las culturas condenadas*. O segundo exemplo é do escritor e professor paraguaio Damián Cabrera, com seu romance *Xiru*, obra que mostra um pensamento outro ao tratar do espaço da tríplice fronteira. O terceiro exemplo vem da escritora Susy Delgado, em sua obra *Ogue Javé takuapu/ Cuando se apaga el takuà*. O exercício

descolonial feito pelos escritores paraguaios supracitados, privilegiam o saber fronteiriço.

Para seguir com esta conversa sobre descolonização, faz-se necessário lembrar de alguns conceitos que auxiliam na análise dos exercícios das práticas descoloniais. A análise das obras de Roa Bastos, Damián Cabrera e Susi Delgado propõe uma leitura baseada em uma opção descolonial, já que não é mais possível trabalhar as questões da América Latina, senão por uma perspectiva outra. É bem provável que as obras analisadas neste estudo já foram estudadas sob a ótica ou sensibilidade de outras perspectivas, por isso se trata de uma opção para o dito estudo. É uma opção, porque segundo Mignolo (2017), a descolonialidade não se apresenta como uma verdade absoluta, que supere todas as propostas existentes, mas figura como outra opção, trazendo assim uma nova maneira de pensar, desvinculada das “cronologias” construídas pelas novas epistemes ou paradigmas (moderno, altermoderno, ciência newtiana, teoria quântica, teoria da relatividade, etc.) Não significa que as epistemes e os paradigmas estejam alheios ao pensamento descolonial, mas não podem mais ser considerados como referências da legitimidade epistêmica. De acordo com Walter Mignolo, a descolonialidade é um exercício de desprender-se das opções que estão postas, ou seja, pode-se dizer que é uma terceira opção, pois não resulta da combinação das opções existentes, mas o despreendimento delas.

Diante do exposto, é legítimo dizer que os autores aqui analisados, através de suas obras exercem um pensamento outro, pois ainda que o termo surja no âmbito da política e da economia, percebe-se nesses intelectuais paraguaios, o exercício constante de uma opção descolonial já que não aceitam as opções que lhes foram brindadas por meio da colonialidade e da modernidade.

Henrique Dussel em sua obra *O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade*, no apêndice dois, que trata dos dois paradigmas de modernidade, define o primeiro paradigma da modernidade como positivo, que é de emancipação nacional, que abre a humanidade a um novo desenvolvimento histórico. Em seguida Dussel apresenta o segundo paradigma em que a modernidade se justifica por uma práxis irracional de violência. Segundo o teórico supracitado, neste paradigma, a modernidade tem um sentido negativo mítico e o mito seria descrito assim:

- a) A civilização moderna se autocompreende como mais desenvolvida, superior (o que significará sustentar sem consciência uma posição ideologicamente eurocêntrica).
- b) A superioridade obriga, como exigência moral, a desenvolver os mais primitivos, rudes, bárbaros.
- c) O caminho do referido processo educativo de desenvolvimento deve ser o seguido pela Europa (é, de fato, um desenvolvimento unilinear e à europeia, o que determina, novamente sem consciência alguma, a “falácia desenvolvimentista”).
- d) Como o bárbaro se opõe ao processo civilizador, a práxis moderna deve exercer em último caso a violência, se for necessário para destruir os obstáculos de tal modernização (a guerra justa colonial).
- e) Esta dominação produz vítimas (de muitas variadas maneiras), violência que é interpretada como um ato inevitável, e com sentido quase ritual de sacrifício; o herói civilizador investe suas próprias vítimas do caráter de ser holocaustos de um sacrifício salvador (do colonizado, escravo africano, da mulher, da destruição ecológica da terra, etc.).
- f) Para o moderno, o bárbaro tem uma “culpa” (o fato de se opor ao processo civilizador) que permite que a “Modernidade” se apresente não só como inocente, mas também como “emancipadora” dessa “culpa” de suas próprias vítimas.
- g) Por último, e pelo caráter “civilizatório” da “Modernidade”, são interpretados como inevitáveis os sofrimentos ou sacrifícios (os custos) da “modernização” dos outros povos “atrasados” (imatuross), das outras raças escravizáveis, do outro sexo por ser fraco, etc³

Diante do exposto, com essa ideia de modernidade, que tem a violência e o extermínio como recursos de civilização, faz-se necessária uma opção que fuja da proposta eurocêntrica, como pontua Boaventura de Sousa Santos, no prefácio de seu texto, *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, que haja uma epistemologia que equilibre igualdade com o princípio de reconhecimento da diferença e também que se mostre o potencial da tradução intercultural, criando alianças que fundamentem a ideia de que a compreensão do mundo é muito mais ampla do que a compreensão ocidental.

Augusto Roa Bastos é um intelectual, que com a ação de organizar *Las culturas condenadas*, e com seu meta-artigo da introdução da seleção de textos, faz uma opção descolonial, já que somente dita opção tem o poder de rechaçar o discurso moderno colonial que se estabeleceu e perpetuou em toda a América Latina, impondo a ideia de civilização e barbárie. A opção descolonial nasce a

³ DUSSEL, 1993, p. 185 e 186.

partir do biolocus enunciativo do intelectual, pois Roa Bastos exerce o seu fazer descolonial ao dar atenção às produções realizadas no Paraguai, por intelectuais que aí viviam e trabalhavam. Roa é sensível às produções intelectuais que descrevem a cultura de seu povo, ou seja, produções desconsideradas ou ignoradas pela razão moderna.

Las culturas condenadas, obra que tem Augusto Roa Bastos como organizador, quem também escreve um artigo como introdução do que fora coletado de outros intelectuais sobre as culturas condenadas. A obra reúne textos que tratam da situação dos povos indígenas do Paraguai, mostrando assim a sensibilidade desses povos, tanto no Paraguai como na América Latina. No artigo de introdução Roa Bastos busca articular todos os textos compilados no transcorrer da obra, já que a obra descreve através de artigos de diversos pesquisadores sobre a situação dos povos indígenas que habitam o Paraguai, ressaltando-se que esses pesquisadores, autores dos artigos compilados por Roa Bastos, são antropólogos, cartógrafos, etnógrafos e linguistas, valendo dizer, que a maioria dos autores não são paraguaios, são de nacionalidade argentina, francesa, alemã e russa, mas produzem seus textos no Paraguai. Segundo Augusto Roa Bastos, dita seleção está baseada em várias pesquisas do campo da etnografia e ainda que não contemplem toda a população indígena do Paraguai, apresenta parte importante do universo cultural dos grupos sobreviventes, mas irremediavelmente condenados. Para ele, baseado na proposição de Bartolomeu Meliá, estes sobreviventes *agonizan cantando su muerte y cuyos cantos son la poesía de la lucidez y de la clarividencia, densa y brillante como un diamante*.⁴

De acordo com Roa Bastos, a tragédia da escravidão e extermínio, culmina atualmente na imolação das últimas comunidades, fazendo assim, uma denúncia da opressão dos estratos humanos, considerados pelo poder, como inferiores, descartando, inclusive, a possibilidade de preservação de seus valores materiais e culturais, considerando que sua destruição biológica é certa, pois a intenção de civilizar o indígena levou ao seu extermínio.

El etnocidio no es pues sino la fatal consecuencia de esta ideología del privilegio y la pretendida superioridad racial – herencia del conquistador invasor – es solo una de las formas del genocidio generalizado en la actualidad, tanto en nuestro continente como en varias partes del mundo donde las “razas inferiores” padecen los desvelos

⁴ ROA BASTOS, 2011, p. 21.

de las “razas superiores” por civilizarlas, es decir, por someterlas a sus inflexibles y cruentos dictados de predominio y opresión.⁵

O extermínio é algo que culmina com a imolação das últimas comunidades já que as sociedades se baseiam em regimes opressores dos estratos humanos considerados por ditas sociedades como inferiores, pois o conquistador/invasor deixou como legado maldito, a pretensão de superioridade racial, o que é uma forma de genocídio generalizado.

Roa expõe quais grupos linguísticos fazem parte da atualidade e pontua que todos os grupos indígenas atuais estão dentro do sistema inter étnico. Ademais de tratar de questões linguísticas e da sobrevivência das línguas, o texto faz referência aos cantos, aos mitos indígenas e à literatura nacional. Roa pontua, citando Meliá, sobre o valor mítico e estético e aqui vale citar:

La acertada observación puede extenderse al denso y rico universo etnocultural de los demás pueblos. Solo cabría precisar que estos cantos no tienen parangón en toda la literatura paraguaya escrita en castellano hasta el presente. Orgullosa de una tradición cultural en la que continúan actuando o predominando los vestigios de la dominación y la dependencia o, en todo caso, los signos de una hibridación que no ha alcanzado todavía a plasmar su propio sistema y pertinencia, los textos de esta literatura mestiza escrita en castellano, segregada de sus fuentes originarias, se apagan, carecen de consistencia y de verdad poética ante los destellos sombríos de los cantos indígenas tocados por el sentimiento cosmogónico de su fin último en el corazón de sus culturas heridas de muerte.⁶

68

Também são tratados os temas sobre sociedade indígena versus sociedade nacional, em que continua denunciando o extermínio dos povos indígenas.

Ao organizar esta coletânea, Roa Bastos realiza o que propõe Henrique Dussel, quando trata do encobrimento do outro, sugerindo que agora é necessário ter nova pele, novos olhos, que não são olhos e peles que culminam na vontade do poder.

Temos de ter a pele que sofrerá tantas penúrias nas encomendas e no repartimento, que apodrecerá nas pestes dos estranhos, que será ferida até aos ossos na coluna, onde se açoitavam os escravos [...]. Temos de ter os olhos do Outro, de outro ego, de um ego de quem devemos reconstruir o processo de sua formação (como a “outra

⁵ ROA BASTOS, 2011p. 22.

⁶ ROA BASTOS, 2011, p. 23.

face” da Modernidade) [...]. Adotemos agora “metodicamente” a pele do índio, do africano escravo, do mestiço humilhado, do camponês empobrecido, do operário explorado, dos milhões de marginalizados amontoados pelas cidades latino-americanas contemporâneas. Façamos nossos os “olhos” do povo oprimido, desde “os de baixo”.⁷

Las culturas condenadas é o exercício proposto pelos estudiosos que adotam outra epistemologia, que não a proposta pela modernidade, ou seja, uma epistemologia que sugere a descolonização do conhecimento.

O outro exemplo de prática de uma outra opção epistemológica é como já anunciado, o texto de Damián Cabrera, intitulada *Xirú*, obra que dentre outros temas, apresenta a tríplice fronteira, Brasil, Paraguai e Argentina, como protagonista, abordando o cenário lindeiro do Alto Paraná, terra de “brasiguaios”, que falam “portuguarão”. Destaca-se aqui que a tônica nesta obra é o hibridismo, enfatizando-se o “plurilinguajeo”, com base nas proposições de Walter Mignolo.

A obra tem como lócus a tríplice fronteira Brasil, Paraguai e Argentina, zona de exterioridade criada pela interioridade moderna. A obra se constrói dentro de uma desobediência epistêmica, pois seu autor exercita a proposta de uma desobediência epistêmica proposta por Walter Mignolo, ao apresentar o espaço como um personagem, ou seja, como algo que tem vida e vibra com diversas nacionalidades, de diversas línguas. O cenário é o Alto Paraná, lugar onde as culturas se misturam e tem como habitantes os brasiguaios - brasileiro/paraguaios, que falam uma língua denominada aqui como *portuguaranhol* – português, guarani e espanhol, termo este cunhado por José Eduardo Alcázar.

Esse mundo fronteiro é algo que não se pode desmembrar: essa gente e as línguas que aí são proferidas. A figura do brasiguai, descendentes de brasileiros e paraguaios, resulta do movimento que ocorreu na década de 1960, em que brasileiros, em busca de estabilidade na terra, migram para a fronteira do Brasil com o Paraguai, Estado do Paraná, Brasil e Alto Paraná, Paraguai. Aqui vale ressaltar que os brasileiros que migraram para esse espaço, em sua maioria, são de origem alemã, italiana e eslava, falantes de português. Note-se que esse êxodo representa a evolução de um mundo aberto, digno de se converter em

⁷ DUSSEL, 1993, p. 89 e 90.

representativo de uma época. Como se vê trata de um lócus fronteiro, onde diversas culturas se misturam e convivem, com seus costumes, línguas e até formas de pensar.

Esse local de povos e culturas sempre foi dominado pelo padrão, ou seja, o dono das companhias ervateiras e essa dominação segue até os dias de hoje pelos plantadores de soja, que em *Xirú* é o senhor Washington dos sojales. Na obra, é latente o aumento do contato de ambos os países pelo Alto Paraná, até se formar uma vida neocolonial brasileira em determinados pontos da região, fomentados pelo trânsito econômico rural e o exacerbado comércio da capital, Ciudad del Este.

Aqui vale ressaltar que a ideia de fronteira parte das reflexões que vêm dos Estudos Culturais, que ultrapassam o caráter geográfico e geopolítico, e a encaixa como um dispositivo essencialmente pedagógico:

El carácter pedagógico relativo a la revisión de la noción de “fronteras” del conocimiento (cómo se produce y transmite) tiene como efecto fundamental la generación de epistemologías geoculturales desarticuladoras de las diferencias y asimetrías frente al poder. El cruce entre pedagogía crítica y ruptura epistemológica se constituye como fundacional en los estudios culturales. Esto quiere decir que lo que da lugar a estos estudios es, sobre todo, una nueva forma de administración y producción del conocimiento, cuya operación esencial es el cruce de fronteras disciplinarias y geoculturales. Lo que finca el carácter alternativo de estos estudios es la producción de una pedagogía política del disenso hacia fuentes hegemónicas de provisión de sentido disciplinario. Esta pedagogía –la del cruce, del desborde y de la transgresión de fronteras disciplinarias– contribuye al rediseño de una América Latina, que privilegia tanto un retorno crítico a lo regional y a lo local, como una propuesta de ciudadanía transnacionales o interculturales.⁸

70

O lócus de *Xirú* deve ser pensado muito além de uma definição física, que separa, une, delimita, marca diferença ou semelhança, e que também é pensada como produção de novos espaços de relações; deve ser pensado como espaço de construção de pensamento, saberes e conhecimento. Para exemplificar a representação dessa fronteira na obra de Cabrera, segue uma das cenas cotidianas que se representa no romance.

⁸ Diccionario de estudios culturales latinoamericanos, 2009, p. 106.

Había sido que ahora vivís acá, Maria. Arrastrás las tablas y tus hijos no quieren ayudarte: estás levantando una pequeña habitación en el patio del fondo, ¡vos misma!

La visita de Ña Martina no es bienvenida.

— *Kuña ojogapóva ndoguerúi mba'e porã. Ndépa, che áma, mba'e hína la nerembiapo.*

Vos no sabéis quien es, pero sí que la conocés: no escuchás.

— *Julio! Julia! Não vai para longe, seus demônio!*

Ellos no pierden tempo, ¿no? Los mitã'i, que saben portugués, le preguntan a Julio si "lá onde você morava os piás sabiam jogar bola tão bem quanto a gente?". Che amoite la túa há ko'ápe avei, há a-jugá-vaipaitéta penderebe, ¡peẽ arruinado!"

Un mostrador, un refrigerador y una mesa de billar; y al rato nomás, la afluencia en tu casa. Y las señoras de rosario asiduo no le dieron espacio al tempo.

Vos: imposible ante las habladerías. Pasás tus largas siestas sentada bajo el limonero, arrancando piojos de tus hijos, o tomando tereré.⁹

Este exemplo do dia a dia é a representação do conceito de fronteira, lugar de apropriação do português, espanhol e guarani, produzindo assim um conhecimento fronteiriço e um pensamento fronteiriço. Mignolo considera a literatura a partir da perspectiva do conhecimento teórico que gera seus argumentos e busca criar, mediante o pensamento fronteiriço “*un marco en el que la práctica literaria no se conciba como objeto de estudio [...] sino como producción del conocimiento teórico; no como 'representación' de algo, sociedad o ideas, sino como reflexión específicamente propia sobre los problemas humanos e histórico.*”¹⁰

Cabrera utiliza-se da literatura com maestria, pensando e vivendo a fronteira de maneira ficcional e intelectual, já que o faz produzindo conhecimento e suscitando a reflexão sobre os problemas humanos, históricos e políticos desse espaço fronteiriço. Em sua ficção, o autor vai além da utilização das línguas de tradução do conhecimento e coloniais, que são português e espanhol, porque utiliza a língua de cultura que é o guarani, e ainda faz uso da oralidade e do mito, ou seja, não separa as mentalidades dos personagens: o mítico está presente como real, mas ultrapassando a crença e a fantasia. Constrói um discurso polimorfo, fragmentário e rasgado, mas unitário sob uma aparência, rompe-se a linearidade argumental, até que as histórias dos personagens se transformem em uma série de

⁹ CABRERA, 2012, p. 43.

¹⁰ MIGNOLO, 2013, p. 297.

vinhetas aparentemente dispersas. Esta estrutura discursiva, juntamente com o cuidado linguístico, é impactante.

Cabrera se inscreve no que Walter Mignolo denomina de *paradigma otro*, ou seja, não só compartilha o que outros viveram ou aprenderam no corpo, o trauma, a inconsciente falta de respeito, a ignorância, mas pode falar de direitos humanos e de convivência – de como se sente no corpo o *ninguneo* que os valores do progresso, de bem-estar, de bem-ser impuseram à maioria dos habitantes do seu lócus.

Vale pontuar que se trata de inserir o bios do autor, pois nasceu em Assunção, mas cresceu em Minga Guazú, no Alto Paraná, próximo à Ciudad del Este, cidade que faz parte do triângulo internacional conhecido como a Tríplice Fronteira: Brasil, Argentina e Paraguai, isto é, faz parte desse lócus, viveu esse uso linguístico, viveu essa mescla de costumes e histórias, e como diz a teórica brasileira Eneida Maria de Souza ao tratar do tema da crítica biográfica, “o caráter heterogêneo das práticas discursivas exige a inserção do componente biográfico como resposta aos procedimentos analíticos anteriormente pautados pela objetividade e pelo distanciamento excessivo do sujeito da enunciação.”¹¹ É interessante notar que o fazer literário de Damián Cabrera é uma desobediência epistêmica, pois a aproximação do sujeito da enunciação, rechaçada pela crítica, na perspectiva do exercício descolonial, é um procedimento legítimo, já que a “inserção do intelectual no texto por ele assinado responde, de certa forma, por uma abertura enunciativa, considerando-se que o sujeito se posiciona tanto como indivíduo quanto como representante de determinado grupo.”¹²

Nessa mesma lógica, Edgar César Nolasco trata da teimosia crítica do intelectual fronteiriço, que

deve ser aquela de uma desobediência epistêmica constante. Apenas uma epistemologia salbaje e fronteriza tem o poder de rechaçar o discurso moderno colonial que avançou e se perpetuou, por meio da academia sobretudo, nos lugares subalternos, impondo, por conseguinte, sua lição castradora de Sistema Colonial

¹¹ SOUZA, 2002, p. 117.

¹² SOUZA, 2002, p. 117.

Moderno que não fez outra coisa senão repetir um modelo de pensar, digamos “estético”, [...].¹³

A lógica da crítica biográfica e da crítica biográfica fronteira corrobora a atividade de Damián Cabrera como intelectual fronteira, e sua obra se inscreve dentro de estudos que tratam dos projetos que se referem a um *paradigma otro*, uma vez que, como pontua Nolasco, o centro não é capaz de falar pelo que se encontra fora do eixo, que é o caso da fronteira com suas especificidades.

Se a língua e o pensamento são fronteiriços, estamos diante do que Mignolo denomina de lugares outros, lugares de história, memória, dor, línguas e saberes diversos. Damián Cabrera não encara este lugar como lugar de estudo, mas lugar de pensamento, onde se gera pensamento e as epistemologias fronteiriças.

O terceiro e último exemplo vem do fazer intelectual da escritora Susy Delgado com sua obra *Ogue Javé takuapu/ Cuando se apaga el takuà*, escrita em guarani e em espanhol. A maioria dos poemas são escritos em guarani e traduzidos para o espanhol nas páginas subsequentes. É bem clara a presença de palavras que parecem não poder ser traduzidas do guarani para o castelhano, como diz Bartolomeu Meliá, no prólogo da obra de Susy: *La riqueza del vocabulario guaraní, que no siempre encuentra correspondencia en el castellano, constituye una realidad propia de la que la traducción, aunque muy buena, no sabría dar cuenta. Para esa poesía el guaraní es imprescindible e insustituible.*¹⁴

Mas Susy Delgado ao tratar do tema linguístico em sua breve introdução declara, que a obra *es el pie para una pequeña aclaración relacionada con “los guaraní” y “los castellanos” que he utilizado en este libro, signos de esa inmensa mescolanza que yo percibo en mi mundo y en mi tiempo.*¹⁵

A tônica do texto de Suzy Delgado pode recair sobre as questões linguísticas, mas os poemas tratam de questões da memória do povo paraguaio, pois o título *Ogue jave takuapu – Cuando se apaga el takuá* e o último poema, que tem título homônimo ao título da obra versam sobre outra manifestação da cultura paraguaia que é o canto e seus instrumentos, bem como as executoras do

¹³ NOLASCO, 2013, p. 14.

¹⁴ DELGADO, 2010, p. 11.

¹⁵ DELGADO, 2010, p. 15.

instrumento homenageado e recordado no poemário. Bartolomeu Meliá titula o prólogo da obra como *Voces y ritmos de mujer*, pois segundo ele, sem o ressoar das taquaras nas mãos das mulheres, não há ritmo nem equilíbrio na festa, e a palavra cantada pelos homens ficaria imprecisa e sem apoio. As mulheres eram as instrumentistas, quem na cultura paraguaia dá o tom em muitos assuntos, por exemplo a manutenção e propagação da língua guarani. Os instrumentos são as taquaras – *takuá*. Susy Delgado com seus poemas transforma essas manifestações culturais em palavras, sendo a intelectual, que com sua sensibilidade feminina, quem traz à memória o que está no esquecimento sobre as culturas pré-hispânicas.

A poesia de Susy faz a diferença porque prioriza uma sensibilidade biográfica (NOLASCO, 2013), uma vez que apresenta as vozes e os ritmos da mulher paraguaia, trazendo através da poesia a memória pré-hispânica, começando com o canto *Suena el takuá*, que trata do cotidiano do povo paraguaio, bem como suas reclamações ou lamúrias e no canto final, que termina com o poema *Cuando se apaga el takuá*. A autora exerce um pensamento outro ao trazer o eco das taquaras, o canto e a dança. Vale citar Meliá, no prólogo da obra mais uma vez:

Los ecos y repercusiones de las tacuaras que escanden el canto y la danza de los Guaraníes son el bajo continuo que sin pausa sirven para la armonía del acompañamiento instrumental. Forman parte esencial del teko marangatu, la religión guaraní. [...] Pero esas tacuaras cuyo el retumbar satura el suelo, lo estremece y pasa a través de los pies de nuestras entrañas, hace tiempo han sido relegadas al olvido y la ignorancia por la sociedad paraguaya. Para muchas de las personas esos sonidos no existen ni siquiera como memoria.¹⁶

O ressoar dos *takuás*, para alguns nem existe como memória, tanto que no final da obra se diz que as takuaras se apagaron, ou seja, foram desligadas, pararam de tocar nas terras guaranis, mas continuam na terra da linguagem pela obra da intelectual. O exercício que faz Susy Delgado é um exercício que deve ser analisado através de um pensamento outro, pois sua produção ficcional se inscreve no interior de estudos que tratam dos projetos que se referem a um *paradigma otro*, e aqui retomo a proposição de Nolasco, o centro não é capaz de falar pelo que se encontra fora do eixo, que é o caso da fronteira com suas especificidades.

¹⁶ DELGADO, 2010, p. 9.

Sobre fronteira é interessante ressaltar que não se trata neste momento de uma fronteira geográfica, mas sim de uma fronteira linguística, onde se produz ou exerce uma língua outra, ou seja, fronteira como pensamento e construção de outras epistemologias, pois como já foi mencionado, o Paraguai possui uma diversidade linguística que lhe é peculiar, e aqui o conceito de fronteira diz respeito a um lugar onde foi gestada uma língua híbrida. Com a consciência desse “multilinguajeo”, é improvável pensar da maneira proposta pelas teorias modernas e não considerar um fazer descolonial, que leva em conta um pensamento fronteiriço, um modo de pensar que considera as sociedades vítimas do domínio e do extermínio de parte de sua população, cultura e língua. Também vale dizer que o intelectual latino-americano, nesse caldeirão linguístico cultural, jamais lograria êxito trabalhando de maneira ortodoxa e hegemônica.

Não se pode concluir uma pesquisa que trata desse tema, mas como considerações finais, vale dizer que esta literatura que se constitui em uma estética periférica, produzida em um contexto fronteiriço, gestada como um pensamento outro deve ser lida e analisada sob a lupa dos estudos subalternos, pelo fato de tratar de temas pertinentes a um espaço descolonial. Por esta e outras razões, fazem-se necessárias teorias distintas das teorias que analisam as produções eurocêntricas, pois sendo narrativas diferentes, cabe, ao analisá-las a reflexão sobre uma desobediência epistêmica, entendendo que a crítica do centro é impotente para tratar de um pensamento fronteiriço, como já foi pontuado neste texto. Não se discute que na ficção produzida por Damián Cabrera, bem como na obra de Susy Delgado, não há a preocupação em preservar a pureza linguística de nenhuma das línguas, já que se observa que as línguas se expressam tal como se utilizam na fronteira e em qualquer contexto de oralidade. No caso de Xirú, Cabrera pensa e escreve entre línguas, com a ideia de língua como prática cultural e de luta pelo poder, não levando em consideração o sistema de regras sintáticas, semânticas e fonéticas, mas considerando a ideia de que fala e escrita são estratégias para orientar e manipular campos sociais de integração.

75

REFERÊNCIAS

CABRERA, Damián. *Xirú. Assunción*: Ediciones de la Ura, 2012.

DELGADO, Susy. *Ogue jave takuapu - Cuando se apaga el takuá*. Assunción: Arandurá Editorial, 2010.

Mónica Szurmuk y Robert McKee Irwin (coord.); colaboradores, Silvana Rabinovich... [et al.]. *Diccionario de estudios culturales latinoamericanos*, México: Siglo XXI Editores, 2009.

DUSSEL, Henrique. *1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade: Conferências de Frankfurt*. Trad. Jaime A. Clasen – Petrópolis, RJ, Vozes, 1993.

LIMA, Damaris P. S. “Um pensamento otro em Ogue jave takuapu - Cuando se apaga el takuá”. In: Anais do Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura – *SEMLACult* – resumo expandido – Disponível em: <https://claec.org/semlacult/anais/> - acesso em: 24/09/2024

LIMA, Damaris P. S. “Portuguarañol: língua de conhecimento e tradução da fronteira, em Xirú, de Damián Cabrera”. In: *RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1586/1056> - acesso em: 24/09/2024

LIMA, Damaris P. S. “Un Pensamiento Otro em Augusto Roa Bastos e Culturas Condenadas”. In: *Línguas & Letras – Repertórios ancestrais, saberes e práticas contemporâneas*. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/index> - acesso em: 24/09/2024.

MELIÁ, Bartolomeu. Prólogo in: DELGADO, Susy. *Ogue jave takuapu - Cuando se apaga el takuá*. Asunción: Arandurá Editorial, 2010.

MIGNOLO, Walter. *Historias locales/ Diseños globales*. Colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo. Madrid: Ediciones Akal, 2013.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. In: *Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu, PR, 2017.

NOLASCO, Edgar César. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

ROA BASTOS, Augusto (comp.). *Las culturas condenadas*. Servilibros, Asunción, PY, 2011.

SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cult*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

Artigo Recebido em: 06 de julho 2024.

Artigo Aprovado em: 25 de setembro de 2024.